UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO NO ENSINO VOLTADO AO VESTIBULAR

Luiza Mello da Silva[1], Diego Mendes Cipriano[2], Carlos Roberto da Silva Machado[3]

Introdução

O objetivo do trabalho é discutir em que medida foi possível, num projeto de ensino/extensão que privilegia a "memorização" de "conteúdos", a construção de um conhecimento histórico para a vida em sociedade, no âmbito das atividades do curso de extensão preparatório ao vestibular *Grupo de Estudos Paidéia,* voltado a jovens e adultos de baixa renda da comunidade rio-grandina. Esse projeto, realizado no Campus Saúde da Universidade Federal do Rio Grande – FURG possui cerca de 50 vagas para estudantes egressos do Ensino Médio. No decorrer das aulas, notamos que devido ao grande número de educandos e à quantidade de conteúdo que deveria ser ministrada até o término do ano, a participação dos estudantes tornava-se insuficiente para que o conhecimento histórico fosse construído e não apenas memorizado. Sendo assim, criamos um espaço informal de ensino, que denominamos "minicurso", cujas atividades voltaram-se ao esclarecimento de dúvidas sobre matérias direcionadas ao Vestibular e a debates sobre temas apresentados anteriormente nas aulas com o grande grupo desde uma perspectiva dialógica.

Metodologia

Relativamente aos processos de ensino-aprendizagem, concordamos com Marques (1969:1) de que ensinar não é transmitir, mas sim planejar e propor situações de aprendizagem válidas no contexto sociopsicológico em que elas têm lugar.

No relacionado à construção do saber histórico, consideramos o estudo do passado humano como forma de compreensão dos problemas colocados pelo tempo presente, tendo em vista a construção da sociedade que almejamos. Isto porque, a História é um campo do conhecimento que abarca a "totalidade" da experiência humana nos tempos e espaços (FONSECA, 2005). Seguindo tal concepção, o minicurso não seria apenas um espaço de revisão de "conteúdos", e sim um espaço de reflexão crítica.

---

[1] Acadêmica de História – Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Coordenadora discente e ministrante de História do curso *Preparatório Fênix*; coordenadora discente e ministrante de História do curso *Grupo de Apoio Educacional Maxximus*. E-mail: lumel.1816@hotmail.com.

[2] Acadêmico de História – Bacharelado da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Coordenador discente e ministrante de História do curso de extensão preparatório ao vestibular *Grupo de Estudos Paidéia*. E-mail: diego_cipriano@yahoo.com.br.

[3] Professor Doutor em Políticas Públicas da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Coordenador/orientador deste trabalho/projeto. E-mail: karlmac@ig.com.br.

Optamos por uma disposição de aula em círculo, onde cerca de 8 educandos participavam das atividades e dois ministrantes elaboravam materiais didáticos e “dirigiam” o debate. Seguindo tal metodologia, realizamos 12 encontros semanais de 1h/aula nos quais foram trabalhados assuntos requeridos pelo Vestibular. Após o término do minicurso, elaboramos uma avaliação na qual os educandos colocaram seus pareceres em relação à metodologia utilizada e aos conhecimentos “adquiridos”.

Resultados e Discussão

O diagnóstico demonstrou que a maior parte dos estudantes não possui uma idéia fundamental sobre os períodos históricos, colocando as características ou manifestações sócio-econômicas fundamentais destes como sendo os próprios. Questionamos se esta noção “abstrata” e bem desenhada dos períodos históricos e de suas características fundamentais seriam, em realidade, úteis ao vestibular ou à vida em sociedade.

Também, visualizamos duas noções fundamentais de História nas respostas, sendo que a mais freqüente a percebe apenas como o conhecimento das sociedades no tempo, enquanto a menos destacada concebe a mesma como forma de conscientização para a eventual mudança da realidade vivida. Mas pensamos que esta noção “tradicional” de História dominante entre os estudantes não configura realmente um problema de relevância, já que a própria tentativa sistemática, por parte dos educadores, em desenvolver um “proselitismo” em prol da transformação da realidade, seria também uma tentativa de “doutrinação” ou “assimilação” desta mesma idéia junto aos educandos.

Do mesmo modo, a sondagem evidenciou que a participação e o diálogo em sala de aula proporcionam motivação à aprendizagem dos estudantes. Já os educandos que perceberam o ato de aprender como “assimilação” de um conhecimento externo, não menosprezaram a dimensão dialógica na construção do conhecimento histórico, já que se engajaram de forma participativa nas atividades educativas.

Conclusão

Portanto, concluímos que a construção problematizadora e dialógica do conhecimento histórico nestes espaços educativos não-formais que visam o preparo ao exame Vestibular, deve ser fruto de constante debate no seio dos processos de ensino-aprendizagem. O avanço na construção de um conhecimento “libertador” e “para a vida” insere-se, pois, numa perspectiva utópica que necessita ser perseguida por educadores e educandos enquanto uma constituição de longo prazo.

Referências

FONSECA, Selva. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados.** Campinas: Papirus, 2003.

MARQUES, Juracy. **Ensinar não é transmitir.** Porto Alegre: Editora Globo, 1969.